

Lyra quer Riocentro apurado

Reabrir o caso é uma decorrência da democracia, justifica

LUIZ MARQUES



Lyra não vê revanchismo na decisão da Justiça Militar

Ao comentar ontem a possibilidade de reabertura dos casos Riocentro e Tribuna da Imprensa — dois atentados a bomba ocorridos em 1981 —, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, reconheceu que há alguns fatos que foram “pouco esclarecidos” durante o regime passado e sua reabertura “não pode ser encarada como revanchismo”.

— Agora estamos em outro ambiente, um ambiente democrático, e a apuração destes crimes é uma decorrência do próprio processo — defendeu o Ministro.

Lyra afirmou que seu Ministério acompanha o caso “pelas implicações políticas que ele tem”, mas não interferirá no seu andamento.

— Como aconteceu no Caso Baumgarten, isso é um problema da polícia e da Justiça. Nós acompanhamos porque o assunto também tem repercussões políticas, mas não é da alçada do Governo interferir no processo — explicou.

Fernando Lyra reconheceu que há setores “desgostosos” com o andamento de todos estes casos ocorridos durante o Governo passado, mas “existem também os setores que exigem a reabertura dos processos”.

— Acho que nem uma coisa nem outra terá peso. Tudo vai depender exclusivamente da Justiça — acredita.

Nos meios militares, Lyra não detectou nenhuma resistência. Afirmou inclusive não ter visto “nenhuma declaração do ministro do Exército (general Leônidas Pires Gonçalves) de que seria revanchismo qualquer reabertura de casos arquivados na Justiça. Isso é papel da própria Justiça e o Ministro do Exército jamais iria interferir”.

Cerqueira: Não é revanche

Rlo — O ex-deputado Marcelo Cerqueira, candidato da Frente Democrática Rio (PSB-PCB-PC do B) à prefeitura, defendeu ontem a reabertura do inquérito policial-militar do Riocentro e a condenação dos implicados, caso haja indícios suficientes para isso. Ele frisou que não se trata de revanchismo, destacando que “depois do caso Baumgarten já se vê que diminuiu a impunidade neste País”. Ele acrescentou que os funcionários do Riocentro que prestaram depoimento, denunciando a existência de outras bombas no dia do atentado, o teriam feito, segundo revelaram os jornais, estimulados pelo indiciamento do general Newton Cruz.

— Essa questão do terrorismo eu a enfrento não apenas como advogado, mas como uma de suas vítimas. Sofri dois atentados a bomba, quando deputado federal, em minha residência. Se o atentado à minha casa foi grave, imagine o cometido contra o Riocentro, que hoje revela sua trama. Aquela

tentativa terrorista, na realidade, foi um acidente de trabalho, quando o capitão e o sargento estavam empenhados em sua sinistra missão. O procurador-geral da Justiça Militar, George Tavares, pessoa de grande competência e por quem tenho grande admiração, sabe o que faz ao acolher os indícios que permitam apurar o caso.

Cerqueira lembrou que o inquérito para apurar os atentados de que foi vítima acabou igualmente arquivado e que à época teria da tribuna da Câmara dos Deputados responsabilizado o DOI-CODI pelo ato terrorista. Ele rebateu insinuações que lhe teriam sido dirigidas pelo candidato do PMDB, deputado Jorge Leite, segundo as quais foi favorável ao arquivamento do caso Riocentro. Salientando que ao tempo dos atentados o Governo do Estado estava nas mãos do grupo chaguista, ao qual pertence Leite, Cerqueira garantiu que não recebeu qualquer solidariedade do governador Chagas Freitas.